

DISSUAÇÃO, ASTÚCIA E ESTRATÉGIA INDIRETA: CONVERGÊNCIAS ENTRE TUCÍDIDES, NICOLAU MAQUIAVEL, CARL VON CLAUSEWITZ E LIDDELL HART NA TEORIA DO PODER E DA GUERRA

Rodrigo Silva, Universidade Europeia, rodrigoo11silvaa11@gmail.com

Francisco Pires Correia, ISCSP-UL, correiafrancisco957@gmail.com

David Pascoal Rosado, Academia Militar & Universidade Europeia,
rosado.dmp@exercito.pt

Manuel do Carmo, Academia Militar & Universidade Europeia,
manuel.carmo@academiamilitar.com

DOI: https://doi.org/10.60746/8_17_42474

ABSTRACT

This article explores the historical and conceptual continuity between classical political thought and modern military theory, focusing on deterrence, indirect strategy, and the use of cunning as instruments of power. It connects the concept of deterrence present in Thucydides and Carl von Clausewitz with the notions of cunning and indirect maneuver in Niccolò Machiavelli and Liddell Hart. The article demonstrates that, long before the nuclear age, deterrence already operated as a fundamental mechanism of Realpolitik, based on the psychological management of the adversary's perceptions. It establishes a dialogue among these authors, suggesting that both deterrence and indirect strategy represent complementary facets of the same phenomenon: war and politics as a contest for the will and the mind of the enemy.

Keywords: Deterrence, Indirect Strategy, Realpolitik, Machiavelli, Thucydides, Clausewitz, Liddell Hart

RESUMO

Este artigo explora a continuidade histórica e conceptual entre o pensamento político clássico e a teoria militar moderna, centrando-se na dissuasão, na estratégia indireta e no uso da astúcia como instrumentos do poder. Articula-se o conceito de dissuasão presente em Tucídides e Carl von Clausewitz com as noções de astúcia e manobra indireta em Nicolau Maquiavel e Liddell Hart. Demonstra-se que, muito antes da era nuclear, a dissuasão já operava como mecanismo fundamental da Realpolitik, baseada na gestão psicológica das percepções do adversário. O artigo estabelece um diálogo entre estes autores, sugerindo que tanto a dissuasão, como a estratégia indireta, constituem vertentes complementares de um mesmo fenómeno: a guerra e a política como disputa pela vontade e pela mente do inimigo.

Palavras-chave: Dissuasão, Estratégia Indireta, Realpolitik, Maquiavel, Tucídides, Clausewitz, Liddell Hart

1. INTRODUÇÃO

A afirmação de Clausewitz (1984, p. 87) sobre a guerra como “continuação da política por outros meios” é frequentemente invocada, mas raramente contextualizada na sua profundidade histórica. Tucídides (1972), quase dois milénios antes, já demonstrava como a dissuasão (entendida não como mera ameaça militar, mas como construção psicológica de poder) moldava as relações entre Estados. O seu relato da Guerra do Peloponeso revelou que os mecanismos de dissuasão clássicos assentavam em três pilares: demonstração de força, manipulação de percepções, e exploração de assimetrias de poder (Hornblower, 1991, pp. 112-115). Esta abordagem foi radicalmente desenvolvida por Maquiavel (2007) que, na sua análise do poder renascentista, introduziu a astúcia como componente essencial da governação. Séculos depois, Liddell Hart (1967, p. 338) sistematizou estes princípios na sua teoria da manobra indireta, argumentando que “o verdadeiro objetivo da guerra não é a destruição física, mas a desintegração da vontade de resistir”.

A relevância contemporânea destes conceitos é confirmada por Galeotti (2019) no estudo das operações de informação russas, onde as técnicas maquiavélicas de dissimulação são combinadas com táticas clausewitzianas de coerção (pp. 45-48). Simultaneamente, é reconhecido que a ascensão da guerra cibernética reconfigura os mecanismos de dissuasão, criando domínios para a aplicação dos princípios de Liddell Hart (Kofman & Rojansky, 2018, p. 7).

2. DISSUAÇÃO EM TUCÍDIDES E CLAUSEWITZ

2.1. TUCÍDIDES E A REALPOLITIK DA DISSUAÇÃO

Na sua obra magna História da Guerra do Peloponeso, Tucídides (1972) oferece-nos uma análise pioneira da dissuasão como instrumento complexo de poder, que transcende a mera ameaça militar para se constituir como um sofisticado mecanismo psicológico e político. O episódio paradigmático da Conferência de Melos revela-se particularmente elucidativo desta dinâmica. Os atenienses, na sua interação com os melianos, não se limitam a apresentar um ultimato. Na verdade, engendram todo um diálogo estruturado para demonstrar a inexorabilidade da sua superioridade. A célebre máxima de que “os fortes fazem o que podem e os fracos sofrem o que devem” (p. 402) encapsula uma filosofia de poder que antecipa, em séculos, os modernos conceitos de realpolitik.

Como salienta Connor (1984, p. 156), “o diálogo de Melos representa uma encenação calculada do poder, onde a linguagem ateniense não visa negociar, mas fazer acontecer a realidade da dominação”. Esta dimensão performativa da dissuasão revela-se particularmente relevante quando analisamos a construção da hegemonia ateniense. Os atenienses compreendiam que o poder eficaz necessitava não apenas de força real, mas igualmente da sua constante encenação e ratificação através de rituais políticos, um contributo que Geertz (1980) posteriormente desenvolveria na sua análise do teatro do Estado.

A análise tucidideana vai ainda mais longe ao demonstrar como a dissuasão eficaz requer periodicamente demonstrações concretas de força. Com efeito, o tratamento da Revolta de Mitilene mostra como a credibilidade da ameaça dissuasora depende da capacidade e vontade de a concretizar quando desafiada. Como observa Hornblower (1991, p. 147), “a dissuasão em Tucídides opera num delicado equilíbrio entre a demonstração de poder e a sua efetiva aplicação”. Este princípio seria posteriormente teorizado por Schelling (1960, p. 67) como a “racionalidade da irracionalidade”, onde a credibilidade da ameaça depende da percepção da disposição para a executar.

Importa ainda dizer que a abordagem tucidideana antecipa conceitos modernos de *soft power* (Nye, 1990, p. 32), particularmente na forma como Atenas gere a sua esfera de influência através da Liga de Delos. Contudo, como salienta Waltz (1979, p. 64), “a dissuasão tucidideana difere do *soft power* por assentar fundamentalmente na ameaça credível de força, e não na atração cultural ou ideológica”. Esta distinção é crucial para compreendermos a natureza realista da abordagem tucidideana, que, notoriamente, Kissinger (1994) identificou como precursora da moderna *realpolitik*. A profundidade da análise tucidideana revela-se ainda na sua compreensão da dimensão temporal da dissuasão. Como demonstra o caso de Plateia, a eficácia dissuasora diminui com o tempo se não for periodicamente revalidada, aliás, num princípio que encontra eco nas modernas teorias de dissuasão alargada ou dissuasão estendida (Freedman, 2004, p. 112). Esta perspetiva diacrónica do poder antecipa em mais de dois milénios os debates contemporâneos sobre a manutenção da credibilidade estratégica.

2.2. CLAUSEWITZ E A DISSUAÇÃO COMO GUERRA POTENCIAL

Na sua obra seminal *Da Guerra*, Carl von Clausewitz (1984, p. 93) conceptualiza a dissuasão como fenómeno dinâmico que opera no limiar entre a guerra e a paz, definindo-a como um duelo latente onde a mera possibilidade de violência

organizada produz efeitos políticos tangíveis. Esta conceptualização revolucionária transcende a visão tradicional da guerra como mero ato de força física, introduzindo uma dimensão psicológica fundamental. Com efeito, para o autor, “A guerra é um ato de força para compelir o inimigo a submeter-se à nossa vontade” (Clausewitz, 1984, p. 75), sendo que esta submissão pode ser alcançada tanto pela ameaça credível quanto pelo uso efetivo da violência.

A originalidade da abordagem clausewitziana manifesta-se particularmente na sua análise das campanhas napoleónicas, onde demonstra como a “guerra potencial” (estado de tensão permanente entre potências) pode ser mais eficaz politicamente do que o conflito armado direto. Como observou Paret (1976, p. 188), “a estratégia prussiana pós-Jena de 1806 constitui um laboratório empírico para a teoria clausewitziana da dissuasão”, onde a ameaça calculada de resistência serviu para moderar as exigências francesas sem recorrer a confronto direto.

Neste contexto, Howard (1968) identificou três pilares fundamentais na teoria clausewitziana da dissuasão: credibilidade, pois a ameaça deve ser percebida como plausível; comunicação, pois a mensagem dissuasora deve ser clara e inequívoca; e, finalmente, a racionalidade, pois o cálculo custo-benefício deve favorecer a contenção. Ora, esta tríade antecipou em mais de um século os princípios fundamentais da dissuasão nuclear formulados por Schelling (1960, p. 67), particularmente o conceito de “racionalidade da irracionalidade”, onde a aparente disposição para o conflito total reforça a credibilidade da ameaça.

A atualidade do pensamento clausewitziano revela-se, entre outros, na análise de Freedman (2004), que identifica na era termonuclear a consumação lógica da dialética clausewitziana entre política e guerra. O paradoxo nuclear, onde a capacidade de destruição mútua assegurada transforma a guerra total em instrumento político por excelência, constitui a realização suprema do princípio de que “a guerra é a continuação da política por outros meios” (Clausewitz, 1984, p. 87).

De notar que Echevarria (2007, p. 54) amplia esta análise ao demonstrar como Clausewitz anteviu a natureza relacional da dissuasão: “Não é a posse de armas, mas a percepção mútua de capacidades e intenções que determina a eficácia dissuasora”. Esta perspectiva é particularmente relevante no contexto contemporâneo de guerras híbridas e competição abaixo do limiar do conflito armado. Destacam-se, ainda, as novas dimensões analíticas, designadamente: temporalidade da dissuasão, pois Clausewitz compreende que a eficácia dissuasora decai com o tempo se não for periodicamente revalidada (Freedman, 2004, p. 112); hierarquia de ameaças, pois a teoria clausewitziana distingue entre dissuasão por negação (impossibilidade de vitória) e dissuasão por punição (custo intolerável) (Schelling, 1966, pp. 69-74); a contextualização política, pois a dissuasão opera sempre dentro do “paradoxo trinitário” clausewitziano (povo, governo, forças armadas) que condiciona sua eficácia

3. ASTÚCIA E ESTRATÉGIA INDIRETA: NICOLAU MAQUIAVEL E LIDDELL HART

3.1. MAQUIAVEL: ASTÚCIA, DISSIMULAÇÃO E GESTÃO DE PERCEPÇÕES

Na sua obra fundamental *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel (2007, p. 89) estabelece os alicerces de uma teoria política revolucionária que reconfigura radicalmente a relação entre ética e exercício do poder. A sua famosa metáfora “é necessário ser leão para conhecer as armadilhas e raposa para fugir aos lobos”, não constitui mera sugestão tática, mas sim o núcleo de uma filosofia política que reconhece a astúcia como elemento constitutivo do poder efetivo.

Como demonstrou a sua análise detalhada das ações de Cesare Borgia, Maquiavel desenvolveu uma verdadeira terminologia do poder ao compasso das noites passadas na sua biblioteca pessoal em San Casciano, onde a dissimulação estratégica se revela indispensável para: consolidação do poder, pois um governante deve parecer

clemente, fiel, humano, religioso e íntegro, enquanto mantém a capacidade de agir contrariamente a estas qualidades quando necessário; gestão de recursos limitados, pois a astúcia permite alcançar objetivos com menor dispêndio de forças (Viroli, 1998, p. 134); manutenção da estabilidade, pois, para o autor, é muito mais seguro ser-se temido do que amado, designadamente quando não se pode ser ambos.

De referir que Berlin (1971, p. 47) identificou na obra de Maquiavel uma rutura epistemológica fundamental: “Maquiavel descortinou que os fins políticos obedecem a critérios distintos dos fins morais”. Ora, esta separação entre ética pessoal e razão de Estado constitui, segundo Skinner (2000, p. 112), o fundamento do moderno pensamento político realista, onde “a preservação do Estado justifica meios que seriam condenáveis na esfera privada”.

A profundidade da análise maquiavélica revela-se particularmente no seu entendimento da natureza performativa do poder. Como observa Pitkin (1984, p. 76), “para Maquiavel, governar é antes de tudo representar”, ou seja, é criar e manter aparências que sustentem a autoridade. Esta dimensão teatral antecipa em séculos os modernos conceitos de construção social da realidade política.

No que concerne a aplicações contemporâneas, devemos aludir, designadamente: à guerra híbrida, pois a manipulação maquiavélica das perceções encontra eco nas modernas operações de informação (Galeotti, 2019); liderança política, pois o conceito de “*virtù*” (capacidade de adaptação às circunstâncias) mantém relevância na análise da liderança contemporânea (Nyhan, 2017); relações internacionais, pois o realismo maquiavélico fundamenta escolas contemporâneas de política externa (Mearsheimer, 2001).

No que diz respeito às novas perspetivas analíticas, temos também a salientar as seguintes vertentes: a economia moral do poder, sendo certo que a análise de Fontana (1993) sobre como Maquiavel, articula violência e consenso; temporalidade política, e daí a distinção maquiavélica entre crises imediatas e estabilização de longo prazo

(McCormick, 2018); a teoria da decisão, aferindo o cálculo de custo-benefício político como antecessor da moderna teoria da escolha racional (Orwin, 1978).

3.2. LIDDELL HART: A ARTE DA MANOBRA INDIRETA

Na sua obra seminal *Strategy*, Liddell Hart (1967) desenvolveu uma teoria revolucionária da arte militar que redefiniu os parâmetros do pensamento estratégico moderno. A sua defesa da linha indireta como princípio fundamental da estratégia, não se limita a uma mera preferência tática, mas constitui uma reformulação filosófica do próprio conceito de vitória militar. Quando Hart (1967, p. 335) afirma que “o objetivo supremo é desorganizar o equilíbrio mental do inimigo”, o autor está a propor uma transformação paradigmática na forma como entendemos o conflito armado, ou seja, da destruição física para a desintegração psicológica da vontade de combater.

A profundidade da análise hartiana revela-se particularmente no seu estudo da Blitzkrieg alemã, onde demonstrou como a combinação de velocidade, surpresa e concentração de forças em pontos decisivos pode compensar a inferioridade material. Esta abordagem encontra eco na campanha israelita de 1967, que Van Creveld (1991, p. 167) descreveu como “a aplicação perfeita dos princípios hartianos de manobra indireta”, onde a antecipação estratégica e a desorientação psicológica do adversário se revelaram mais decisivas do que a pura capacidade bélica.

Debruçando-se sobre estes entendimentos, Howard (1968) sublinhou que a originalidade de Liddell Hart residiu precisamente na sua compreensão holística da guerra como um fenómeno simultaneamente físico e psicológico. Assim, esta dualidade manifesta-se na forma como a estratégia indireta opera em dois níveis complementares: por um lado, minando a capacidade material do inimigo através de movimentos de flanco e ataques a linhas de abastecimento; por outro, corroendo a sua determinação através da criação constante de situações de surpresa e incerteza. Como observa Strachan (2007, p. 89), “para Hart, a verdadeira medida do sucesso

estratégico não está no terreno conquistado, mas na mente desorientada do comandante adversário”.

A contemporaneidade do pensamento de Liddell Hart torna-se particularmente evidente quando examinamos as doutrinas de guerra não convencional do século XXI. A chamada guerra não linear russa, teorizada por Gerasimov (2013) e aplicada em teatros como a Ucrânia e a Síria, constitui uma atualização dos princípios hartianos para a era da informação. Nestes conflitos, e tal como demonstrou Hoffman (2007, pp. 28-35), “a desinformação sistemática e a subversão política substituíram progressivamente o confronto militar direto”, confirmando a previsão de Hart sobre a crescente importância da dimensão psicológica nos conflitos modernos.

A influência de Liddell Hart estende-se igualmente às táticas empregues por atores não-estatais como o Hezbollah, cuja pontual eficácia contra forças convencionalmente superiores deriva precisamente da aplicação criativa dos princípios da estratégia indireta. Como nota Friedman (2010, p. 112), “o sucesso destes grupos reside na capacidade de transformar cada confronto numa prova de vontade política, onde a persistência psicológica supera a vantagem material”, ou seja, uma lição que Hart já havia antecipado nas suas análises históricas.

Esta permanência da relevância do pensamento de Liddell Hart deve-se, em grande parte, à sua compreensão da natureza do conflito humano. Ao deslocar o foco da destruição física para a desorganização psicológica, ao privilegiar a surpresa sobre a força bruta, e ao entender a estratégia como arte de criar e explorar desequilíbrios, Liddell Hart legou-nos um quadro conceptual que continua a moldar o pensamento estratégico num mundo cada vez mais complexo e multidimensional.

4. CONVERGÊNCIAS CONCEPTUAIS: DISSUAÇÃO E ESTRATÉGIA INDIRETA

4.1. A GUERRA PSICOLÓGICA COMO ELEMENTO COMUM

Ao examinar o pensamento estratégico de Tucídides, Nicolau Maquiavel, Carl von Clausewitz e Liddell Hart, desvela-se uma notável convergência epistemológica que transcende os séculos: a compreensão do conflito como uma batalha fundamentalmente psicológica. Esta visão unificadora revela que a verdadeira essência do poder reside não na mera acumulação de força, mas na capacidade de moldar percepções e de influenciar vontades. Tucídides, com seu relato preciso da diplomacia ateniense, demonstra como o teatro político pode ser mais eficaz que o campo de batalha; Maquiavel expõe a mecânica crua da dissimulação como ferramenta de governo; Clausewitz desvenda a dialética entre ameaça e ação; e, finalmente, Liddell Hart sistematiza a arte de vencer através do desequilíbrio mental do adversário.

A profundidade desta tradição intelectual manifesta-se, assim, na sua persistência ao longo dos tempos. Como já observava Sun Tzu (2020, p. 15), “a suprema excelência consiste em quebrar a resistência do inimigo sem combate”. Esta é uma máxima que encontra ressonância tanto na *realpolitik* tucidideana, quanto na teoria nuclear contemporânea. Freedman (2021, p. 215) corrobora esta continuidade ao demonstrar como a moderna guerra cognitiva constitui apenas a mais recente encarnação deste princípio perene. O que varia através dos séculos não é a natureza fundamental do conflito, mas sim os instrumentos através dos quais se procura dominar a vontade alheia, seja das assembleias gregas, seja agora dos algoritmos digitais.

Esta linha de pensamento revela uma sofisticada economia da violência, onde o dispêndio de recursos físicos é crescentemente substituído por investimento em superioridade psicológica. A verdadeira medida do poder estratégico, nesta perspectiva, reside menos na capacidade de destruir, do que na habilidade de convencer. E isto, seja através da demonstração calculada de força (Tucídides), seja

através da manipulação de aparências (Maquiavel), seja através da ameaça credível (Clausewitz), ou seja, da desorientação sistemática (Liddell Hart). Como sintetiza Gray (1999, p. 312), “a história da estratégia é, em última análise, a história da mente humana em conflito”, uma afirmação que encontra eco desde as antigas táticas de cerco, até às modernas operações de informação.

4.2. DISSUAÇÃO COMO FORMA SUPREMA DE ESTRATÉGIA INDIRETA

A análise comparativa dos quatro grandes pensadores estratégicos revela que a dissuasão constitui não apenas uma modalidade da estratégia indireta, mas sim a sua expressão mais elevada e sofisticada. Esta conclusão deriva da constatação de que a dissuasão opera no nível mais fundamental do conflito, o nível da vontade humana, transformando a mera possibilidade de violência em instrumento político. Como já intuía Sun Tzu (2020, p. 23) ao afirmar que “o verdadeiro general vence antes mesmo de travar a batalha”, o ápice da arte estratégica reside precisamente na capacidade de alcançar objetivos sem recorrer ao confronto direto.

O desenvolvimento histórico deste conceito demonstra uma notável evolução teórica. Enquanto os antigos se limitavam a constatar empiricamente a eficácia da dissuasão, os pensadores modernos, particularmente Maquiavel, Clausewitz e Liddell Hart, construíram arcabouços analíticos que desvendam os mecanismos psicológicos e políticos subjacentes a este fenómeno. Com efeito, sabemos que Maquiavel (2007) revelou como a reputação de poder e a determinação pode substituir o uso efetivo da força; Clausewitz (1984) demonstrou a natureza dialética da ameaça militar; e, finalmente, Liddell Hart (1967) sistematizou os princípios da persuasão estratégica. Juntos, estes autores transformaram o que era intuição empírica, em teoria rigorosa.

A era nuclear, longe de representar uma rutura com esta tradição, constituiu antes o seu apogeu lógico. Como argumenta Freedman (2004, p. 178), “a dissuasão termonuclear levou ao extremo os princípios clássicos, tornando explícito o que

antes era implícito”. A ameaça de destruição mútua apenas radicalizou a equação estratégica fundamental identificada pelos antigos: que o poder reside tanto na percepção, quanto na realidade da força. Esta continuidade essencial desafia as periodizações convencionais da história do pensamento estratégico, corroborando a tese de Gray (1999) sobre a unidade profunda da teoria estratégica através dos tempos.

Ora, a contemporaneidade deste debate torna-se evidente quando examinamos os novos domínios do conflito, seja do ciberespaço, seja da guerra de informação. Em todos estes campos, e tal como demonstra Kofman (2018), os princípios clássicos da dissuasão readquirem relevância, adaptando-se a contextos onde a violência física é substituída por formas mais subtis de coerção. Esta permanência confirma que a dissuasão, na sua essência, transcende os instrumentos concretos de cada época, afirmando-se como constante fundamental nas relações de poder.

5. RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA

O panorama estratégico do século XXI, marcado pela ascensão de conflitos difusos e pela revolução digital, não representa uma rutura com os princípios clássicos, mas sim a sua transposição para novos domínios. As chamadas guerras híbridas, que combinam elementos convencionais e não-convencionais, constituem a manifestação contemporânea daquela mesma lógica identificada por Tucídides na sua análise da política de poder ateniense. Como observa Hoffman (2007), estes conflitos modernos operam simultaneamente em múltiplos níveis (militar, económico, informacional e psicológico), criando uma complexidade estratégica que exige abordagens sofisticadas.

Entretanto, a desinformação digital, por sua vez, emerge como o equivalente moderno da astúcia maquiavélica, amplificada pela velocidade e pelo alcance das redes globais. Galeotti (2019) demonstra como a Rússia desenvolveu uma verdadeira arte de estado na manipulação informacional, empregando técnicas que vão desde a

criação de narrativas alternativas, até à exploração calculada de divisões sociais em países-alvo. Estas práticas, embora mediadas por novas tecnologias, ecoam os princípios fundamentais estabelecidos por Maquiavel sobre o uso estratégico da percepção.

Mas mais. No campo da competição entre grandes potências, Kofman e Rojansky (2018) identificam a persistência da lógica dissuasória, agora transposta para domínios como o ciberespaço e a guerra eletrónica. A denominada dissuasão em camadas contemporânea, que combina elementos convencionais e não-convencionais, revela-se particularmente eficaz em contextos assimétricos, onde a ameaça credível pode compensar desvantagens materiais, num princípio que remonta às análises de Liddell Hart sobre a superioridade estratégica da manobra indireta.

A guerra informacional moderna, com o seu foco na conquista de corações e mentes, constitui a realização contemporânea da visão clausewitziana da guerra como continuação da política. Como observa Fridman (2018, p. 115), “as operações de influência russa representam uma fusão entre a tradição da *maskirovka* [engano estratégico, na abrangência de um amplo conjunto de opções de desinformação militar] e as possibilidades abertas pelas novas tecnologias”, demonstrando a vitalidade dos princípios clássicos quando adaptados ao novo ecossistema informacional.

Estes desenvolvimentos confirmam a tese central de que os fundamentos da estratégia, ou seja, a primazia da psicologia sobre a força bruta, a economia de meios e a manipulação de percepções, transcendem os contextos históricos específicos. A mudança nos instrumentos e nas plataformas não altera a natureza essencial do conflito como disputa pela vontade e pela mente do adversário, enquanto princípio que continua a guiar os estrategistas no mundo complexo e interconectado do século XXI.

6. CONCLUSÕES

A investigação desenvolvida neste artigo revela uma profunda unidade conceptual que atravessa mais de dois milénios de reflexão estratégica. Tucídides, Nicolau Maquiavel, Carl von Clausewitz e Liddell Hart, não obstante os contextos históricos radicalmente distintos em que produziram as suas obras, convergem na compreensão fundamental de que o verdadeiro poder reside na capacidade de moldar percepções e de influenciar vontades. Esta constatação permite-nos afirmar, com sólido fundamento teórico, que a dissuasão e a estratégia indireta constituem manifestações complementares de um mesmo princípio estratégico essencial: a primazia do psicológico sobre o físico, do potencial sobre o efetivo, da mente sobre a matéria.

A análise comparativa demonstra que estes quatro grandes pensadores, cada um à sua maneira, desenvolveram sistemas conceptuais que privilegiam a economia estratégica, ou seja, a obtenção de resultados máximos com dispêndio mínimo de recursos, já como Sun Tzu defendia na sua obra *A Arte da Guerra*. Com efeito, Tucídides revelou como a demonstração calculada de poder pode substituir o seu exercício violento; Nicolau Maquiavel desvendou os mecanismos da dissimulação política; Carl von Clausewitz teorizou a dialética entre guerra real e guerra potencial; e, finalmente, Liddell Hart sistematizou os princípios da manobra psicológica. Juntos, estabeleceram os alicerces de uma tradição intelectual que continua a informar o pensamento estratégico contemporâneo.

Julgamos que a relevância desta síntese teórica para o mundo atual é inegável. Num cenário internacional marcado pela complexidade crescente, pela aceleração tecnológica e pela multiplicação de atores não-estatais, os princípios identificados nestes autores clássicos adquirem uma nova atualidade. Como demonstram os casos analisados (das operações de informação russas, às táticas assimétricas de grupos não-convencionais), a essência do conflito permanece inalterada: uma disputa contínua pela vontade e pela mente do adversário, onde a percepção de poder é frequentemente mais decisiva do que a sua realidade material.

Esta investigação não apenas confirma a validade contemporânea do pensamento estratégico clássico, como também sugere novas linhas de pesquisa. O estudo comparativo das diferentes conceptualizações da relação entre força e persuasão, a análise da evolução histórica dos mecanismos de dissuasão, e, finalmente, a investigação sobre a aplicação dos princípios da estratégia indireta em novos domínios como o ciberespaço, constituem caminhos promissores para futuros desenvolvimentos teóricos. O diálogo entre os clássicos e os desafios estratégicos do século XXI permanece, assim, aberto e produtivo.

SÍNTESE BIOGRÁFICA DOS AUTORES

Rodrigo Silva é licenciado em Gestão de Recursos Humanos e mestrando em Gestão na Universidade Europeia. Exerce as funções de Presidente da Federação Regional do Oeste da Juventude Socialista e é Secretário Nacional da Juventude Socialista.

Francisco Pires Correia é licenciado em Administração Pública, pelo ISCSP-UL. Consultor e empresário no setor agrícola, energético e imobiliário.

David Pascoal Rosado é Tenente-Coronel de Administração Militar, sendo Agregado em Gestão, Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política: Cidadania e Governança.

Manuel do Carmo é Doutor em Gestão de Informação, especialização em Estatística e Econometria, Professor Auxiliar (*Tenure*) do DCEE da Academia Militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berlin, I. (1971). *The Originality of Machiavelli*. In I. Berlin, *Against the Current* (pp. 25–79). Oxford University Press.
- Clausewitz, C. von. (1984). *On War*. Princeton University Press.
- Echevarria, A. (2007). *Clausewitz and Contemporary War*. Oxford University Press.
- Freedman, L. (2004). *Deterrence*. Polity Press.

- Freedman, L. (2021). *The Future of War: A History*. PublicAffairs.
- Galeotti, M. (2019). *We Need to Talk About Putin: How the West Gets Him Wrong*. Ebury Press.
- Geertz, C. (1980). *Negara: The Theatre State in Nineteenth-Century Bali*. Princeton University Press.
- Gerasimov, V. (2013). *The Value of Science is in the Foresight*. Military-Industrial Courier.
- Hoffman, F. G. (2007). *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Potomac Institute for Policy Studies.
- Hornblower, S. (1991). *A Commentary on Thucydides*. Oxford University Press.
- Howard, M. (1968). The influence of Clausewitz. In M. Howard, *Strategy and Policy* (pp. 1–21). Praeger.
- Kissinger, H. (1994). *Diplomacy*. Simon & Schuster.
- Kofman, M., & Rojansky, M. (2018). A Closer Look at Russia’s “Hybrid War.” *Kennan Cable*, (7), 1–10.
- Liddell Hart, B. H. (1967). *Strategy*. Praeger.
- Maquiavel, N. (2007). *O Príncipe*. Edições 70.
- McCormick, J. (2018). *Machiavellian Democracy*. Cambridge University Press.
- Mearsheimer, J. (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. Norton.
- Nye, J. (1990). *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. Basic Books.
- Pitkin, H. (1984). *Fortune is a Woman: Gender and Politics in the Thought of Niccolò Machiavelli*. University of California Press.
- Schelling, T. (1960). *The Strategy of Conflict*. Harvard University Press.
- Schelling, T. (1966). *Arms and Influence*. Yale University Press.
- Skinner, Q. (2000). *Machiavelli*. Oxford University Press.
- Strachan, H. (2007). *Clausewitz's On War: A Biography*. Atlantic Books.
- Sun Tzu. (2020). *The Art of War*. Oxford University Press.

- Tucídides. (1972). *História da Guerra do Peloponeso*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Waltz, K. (1979). *Theory of International Politics*. McGraw-Hill.
- Connor, W. R. (1984). *Thucydides*. Princeton University Press.
- Van Creveld, M. (1991). *The Transformation of War*. Free Press.
- Fridman, O. (2018). *Russian "Hybrid Warfare"*. Oxford University Press.